

## EP 12 – IVANA ARRUDA LEITE

O meu livro favorito é um volume único que tem Memorial de Aires e O Alienista, de Machado de Assis. Eu ganhei em 1964. Está aqui o meu nominho, está vendo? A professora pediu pra gente ler O Alienista, na verdade, de Machado de Assis. Naquela época se pedia para meninas de treze anos lerem O Alienista. E eu me lembro que fiquei fascinada. Me encantei com o Machado de Assis, pela primeira vez. E me encantei com o livro e tal.

Esse Memorial de Aires, que antecede O Alienista, ela não mandou ler e disse que não era para nossa idade. Mas claro, que eu apaixonada pelo Machado de O Alienista, fui olhar o Memorial de Aires, e amei da mesma forma! Um livro... o último livro que Machado escreveu, é quase um diário dele, enfim... Sei lá eu que compreensão eu tive na época. Já reli mil outras vezes, mas até hoje eu lembro com carinho muito especial.

-

O Alienista é um livro hiper-moderno, porque ele trata da loucura, da sanidade, do mundo atual, quem é louco, quem não é louco. O médico da cidade, Simão Bacamarte, ele vai diagnosticando todo mundo como louco e vai pondo num hospício. Quando se vê, a cidade inteira está no hospício. Claro que ele que era o único louco. E esse olhar de estranhamento me encantou, porque vem com muito humor. O Machado me pega pelo humor. Ele mesmo quando ele não quer, ele é divertido.

-

O Memorial... o Machado faz... coo eu disse, ele estava viúvo já. A Carolina, o amor da vida dele inteira tinha morrido. Meio que ele estava querendo morrer. Então ele começou a escrever este diário. Com isso ele vai repensando a vida dele, entendeu? Quer dizer, não é auto-biográfico, porque o protagonista do Memorial de Aires é o Aires. É uma despedida da vida de um homem meio desencantado com a vida e com um olhar meio sombrio. E que perdeu um grande amor.

-

Olha, cada vez eu descubro umas coisas novas e maravilhosas, ele nunca envelhece pra mim, ele nunca fica datado, claro, é um clássico. Eu adoro... eu não escrevo quase nada sem humor, isso é machadiano, pra mim, vem dele. Segundo, eu gosto dessa coisa cotidiana, desse olhar crítico, irônico. Eu sou uma contista nada graças ao Machado. É um perigo eu reler Machado porque quando eu releio qualquer livro eu fico uns quinze dias machadiando, entendeu? Daí você olha meu texto e fala “que esquisito que está isso”. Cola em mim de uma tal forma. Daí eu preciso esquecer, apagar, para achar de novo a minha voz. E aos poucos, o Machado, você vai retomando, retomando, retomando e ele vai te acrescentando. E se eu voltar hoje, ele vai falar “olha, você não aprendeu tudo”.